

## **Psicanálise, guerra fria e histórias em quadrinhos: o caso da revista psychoanalysis nos Estados Unidos dos anos 1950**

Diego Luiz dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo promove um debate sobre a circulação da psicanálise em mídias culturais populares nos Estados Unidos em meados do século XX e sobre a maneira como este saber é capaz de influenciar e ser influenciado pelos meios culturais em que circula. De maneira mais específica, o artigo analisa uma revista em quadrinhos estadunidense intitulada *Psychoanalysis*, que foi publicada em quatro edições no ano de 1955 e apresentava a história de um psiquiatra que, como um detetive, desvendava os maiores mistérios inconscientes de seus pacientes. A revista surgiu num momento em que os holofotes nos Estados Unidos estavam direcionados para a dinâmica doméstica e certa ode aos valores familiares e ao amor romântico se tornou comum nos meios de comunicação de massa do país como parte de um esforço de enaltecer o estilo de vida dos cidadãos e reforçar ideais de consumo da sociedade capitalista. A análise demonstra como a revista *Psychoanalysis* se tornou um espaço no qual ideias psicanalíticas são usadas como ferramentas na construção de uma atmosfera de conformismo e docilidade nos Estados Unidos nos anos de 1950 que coadunavam com o contexto de Macartismo e Guerra Fria daquele período. O artigo nos ajuda a pensar também a apropriação da psicanálise para além das instituições oficiais de construção deste saber, de modo a ressaltar o papel de sujeitos relacionados às mais diversas esferas sociais e culturais, como aqueles ligados às artes, à política e outras.

**Palavras-chave:** Guerra Fria; Psicanálise; Histórias em Quadrinhos; Família Nuclear; Macartismo.

---

\* O texto é parte da tese intitulada *Cultura Psicanalítica nas Páginas de Quadrinhos Autobiográficos (Estados Unidos, 1968-1989)* foi defendida no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz e orientada pela Prof. Dr<sup>a</sup> Cristiana Facchientti e co-orientada pelo Prof. Dr. Rafael Alves Lima. A pesquisa foi realizada com bolsa concedida pela Fiocruz.

<sup>1</sup> Doutor em História das Ciências e da Saúde pela FIOCRUZ. Email: [santos.diegoluiz@gmail.com](mailto:santos.diegoluiz@gmail.com)

## Psychoanalysis, Cold War and Comics: the case of Psychoanalysis magazine in the United States of the 1950s

**Abstract:** This article promotes a debate about the circulation of psychoanalysis in popular cultural media in the United States in the mid-twentieth century and on the way in which this knowledge is able to influence and be influenced by the cultural environments in which it circulates. More specifically, the article analyzes an American comic book entitled *Psychoanalysis*, published in four editions in 1955 and presented the story of a psychiatrist who, like a detective, unraveled the greatest unconscious mysteries of his patients. This comic book emerged at a time when the spotlight in the United States was on domestic dynamics and a certain ode to family values and romantic love became commonplace in the country's mass media as part of an effort to uplift the American way of life and strengthen the consumption ideals of capitalist society. The analysis demonstrates how the *Psychoanalysis* magazine became a space in which psychoanalytic ideas are used as tools in the construction of an atmosphere of conformism and docility in the United States in the 1950s that were consistent with the context of McCarthyism and the Cold War. The article also helps us to think about the appropriation of psychoanalysis beyond the official construction sites of this knowledge, in order to emphasize the role of subjects related to the most diverse social and cultural spheres, such as those linked to the arts, politics and others.

**Keywords:** Cold War; Psychoanalysis; Comics; Nuclear family; McCarthyism.

### Introdução

O objetivo deste artigo é fomentar o debate acerca da circulação dos *saberes psi*<sup>2</sup> nos meios culturais populares, atentando-se para a maneira pelas quais ideias vindas da psiquiatria, psicologia ou psicanálise podem ser apropriadas por diversos sujeitos que, em muitos casos, não foram iniciados nestes saberes.

De maneira mais específica, o artigo analisa uma revista em quadrinhos publicada nos Estados Unidos na década de 1950 e cujo tema principal se baseava na psicanálise, um saber que, em meados do século XX, gozava de grande

---

2 Como *saberes psi* refiro-me a todas as disciplinas dedicadas ao campo, como a psicologia, a psicanálise e a psiquiatria, por exemplo, mas também a higiene mental, a Eugenia, a neuroanálise, etc.

prestígio naquele país e passou a ser apropriado pelas mais diversas esferas do saber, tais como, a medicina, a publicidade, o jornalismo, as artes, etc.

Em suas pesquisas, o cientista social argentino Mariano Ben Plotkin já havia definido a psicanálise como um sistema de ideias e crenças de cunho transnacional que, ao adentrar novos territórios geográficos, acaba circulando de maneira particular nas mais diversas esferas da cultura nacional ao qual se insere, desde as instituições psicanalíticas propriamente ditas à cultura popular<sup>3</sup>. Partindo das ideias de Plotkin, este artigo demonstra como ideias vindas da psicanálise não só foram apropriadas como uma forma de entretenimento, como também serviram a interesses políticos estadunidenses que dialogavam estreitamente naquele contexto de Guerra Fria.

Para isso, o artigo traz como principal fonte de análise uma revista em quadrinhos intitulada *Psychoanalysis*, que foi publicada em quatro edições pela editora Entertaining Comics (EC) em 1955. Com arte de Jack Kamen, coloração de Marie Severin e roteiro de Robert Bernstein, a revista *Psychoanalysis* trazia um psicanalista em seu consultório que, como um detetive, desvendava os maiores mistérios inconscientes de seus pacientes.

A revista surgiu num momento em que, os holofotes nos Estados Unidos estavam direcionados para a dinâmica doméstica e certa ode aos valores familiares e ao amor romântico se tornou comum nos meios de comunicação de massa do país como parte de um esforço de enaltecer o estilo de vida estadunidense e reforçar ideais de consumo da sociedade capitalista<sup>4</sup>.

É importante esclarecer, contudo, que este artigo se trata das *apropriações* da psicanálise e não do próprio saber psicanalítico em si. Por *apropriação*, refiro-me às reflexões do historiador Roger Chartier<sup>5</sup> sobre a maneira pelas quais os

---

3 BEN PLOTKIN, Mariano. Psicoanálisis y Habitus Nacional: Um Enfoque Comparativo de la Recepción del Psicoanálisis em Argentina y Brasil (1910-1950). *Memória Social*, Bogotá, v. 13, n. 27, p. 62. 2009.

4 PURDY, Sean. O Século Americano. In: KARNAL, Leandro (org.). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Editora Contexto, 2007. Pp. 173-296; TOTA, Antonio P. *Os Americanos*. São Paulo: Contexto, 2009. [E-book]

5 CHARTIER, Roger. Por uma Sociologia Histórica das Práticas Culturais. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Portugal: Difusão Editorial, 2002. Pp. 13-28.

atores sociais se apropriam de uma obra de modo a negociar seus significados e atribuir à ela, o sentido que lhe é mais adequado de acordo com sua própria cultura e seus próprios objetivos. Sendo assim, o processo de apropriação é aquele pelo qual “é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação” para alguma ideia ou produto cultural<sup>6</sup>. Logo, apesar de este artigo apresentar um caso específico no qual ideias vindas da psicanálise são utilizadas como instrumentos na construção de uma atmosfera de conformismo e docilidade nos Estados Unidos, entendo que, em muitos momentos históricos, este mesmo saber também foi apropriado para fins opostos. Em seu livro *Cold War Freud*, a historiadora Dagmar Herzog já havia demonstrado como a psicanálise é capaz de manter uma relação tensa e ambivalente com o âmbito político, podendo ser utilizada para fins tanto normativos e conservadores, quanto para fins socialmente críticos<sup>7</sup>.

A presente análise, portanto, nos ajuda a refletir sobre como um saber pode ser remodelado e reesculpido pelos diversos sujeitos, de modo a ganhar novos contornos que melhor se adequem aos interesses daqueles que dele se apropriam e às questões culturais e sociais dos meios em que circula. Para isso, trago ao leitor o contexto de criação da revista que se deu em meio a uma conjuntura muito específica dos Estados Unidos no qual o conteúdo das histórias em quadrinhos passou por uma espécie de censura justificada pela suspeita de que esta forma de arte tinha um efeito nocivo no caráter das crianças e adolescentes. Em seguida, apresento o conceito de *cultura psicanalítica* como uma forma de esclarecer o lugar ocupado pela psicanálise na cultura e sociedade estadunidenses de meados do século XX. Uma questão de grande importância para compreender as razões que levaram a Editora EC Comics a escolher a psicanálise como tema principal de uma de suas revistas. Consequentemente, falo brevemente sobre a psicologia do ego, a vertente psicanalítica de maior expressão naquele período e cujo entrelaçamento

---

6 Idem. 2002. P. 24.

7 HERZOG, Dagmar. *Cold War Freud: Psychoanalysis in an Age of Catastrophes*. Cambridge: Cambridge University Press. 2016.

com valores estadunidenses da Guerra Fria tiveram um forte impacto no meio doméstico e cultural das famílias daquele país. Impacto este que se refletiu no próprio conteúdo da revista *Psychoanalysis*. Por fim, apresento uma breve análise de alguns trechos da revista, demonstrando a maneira como o contexto histórico, a forma de arte e o meio cultural em que circula pode exercer uma grande influência sobre a compreensão popular acerca do saber psicanalítico.

### **A censura aos quadrinhos nos anos 1950**

Desde a década de 1940, as histórias em quadrinhos eram depreciadas, não só por autoridades conservadoras, mas também por intelectuais de esquerda que, no período, teciam duras críticas à transformação da arte em mercadoria e aos produtos culturais consumidos pelas massas<sup>8</sup>.

Por se tratar de um produto destinado principalmente à crianças e pelo fato de ocuparem um espaço econômico e cultural pouco valorizado (se comparados ao rádio e ao cinema), os quadrinhos entraram na mira destes críticos e não receberam qualquer apoio ou defesa de qualquer meio político, econômico ou de mídia<sup>9</sup>. Esta crítica tomou novos rumos com a criação, em 1954, do *Subcomitê Senatorial sobre a Delinquência Juvenil*, um órgão relacionado ao *Comitê de Atividades Antiamericanas*<sup>10</sup>, cujo objetivo era identificar as forças que, sob disfarce

---

8 Muitos destes intelectuais se baseavam nas considerações de Theodor Adorno e Max Horkheimer sobre a indústria cultural. Os autores refletiram sobre a transformação da arte em mercadoria no século XX afirmando que a standardização e a produção em série dos produtos artísticos teriam sacrificado “aquilo pelo qual a lógica da obra se distinguia da lógica do sistema social”. Desta maneira, as fronteiras que separariam a arte burguesa (séria e especulativa) da arte das massas (questionadora e expressão de resistência) foram ao chão, e a arte - então sendo produzida numa lógica industrial e comercial - tornou-se sinônimo de mera diversão, capaz de usurpar a autonomia dos consumidores, agindo sobre suas necessidades e determinando o que deveria ser consumido. Ver: ADORNO, Theodor. A Indústria Cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e Indústria Cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações de massa nessa sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1971. Pp. 06.

9 GABILLIET, Jean-Paul. *Of Comics and Men: a cultural history of American Comic Books*. University Press of Mississippi/Jackson. 2010. P. 259.

10 Durante a Guerra Fria, o *Comitê de Atividades Antiamericanas* dedicou-se a vigiar as atitudes dos próprios cidadãos estadunidenses de modo a identificar e impedir o avanço de ideias comunistas no país. Até 1956, o comitê foi liderado pelo senador Joseph McCarthy (1908-1957) que instaurou uma paranoia anticomunista levando à demissão, investigação e, em muitos casos, até à

de entretenimento “inocente”, corrompiam as crianças e adolescentes, levando-as à delinquência<sup>11</sup>. Nesta conjuntura, os quadrinhos tornaram-se o principal alvo do subcomitê, principalmente após a grande repercussão das considerações do psiquiatra Fredric Wertham (1895-1981) sobre o efeito negativo das HQs no caráter de crianças e adolescentes<sup>12</sup>.

O Dr. Friedrich Ignaz Wertheimer, posteriormente naturalizado como Fredric Wertham, foi um psiquiatra judeu que, durante o entreguerras, migrou para os Estados Unidos levando na bagagem uma ampla formação nas ciências da mente<sup>13</sup>. Colocando-se como autoridade científica, o psiquiatra publicou em 1954, o livro *A Sedução dos Inocentes*, no qual apontava os quadrinhos como a principal causa do desvio moral de crianças e adolescentes<sup>14</sup>. Para Wertham, a violência, sexualidade e falta de moralidade contidas nas páginas das histórias em quadrinhos eram capazes de despertar o comportamento agressivo e autodestrutivo nos jovens e crianças<sup>15</sup>.

Em meio à cruzada contra os quadrinhos empreendida por defensores da ordem e dos valores familiares, Wertham tornou-se o principal porta-voz dos supostos efeitos nefastos deste produto cultural e suas críticas ganharam cada vez

---

prisão de diversos intelectuais, artistas e funcionários do governo suspeitos de “subversão”. Suas medidas, que ficaram conhecidas como *macartismo*, acabaram se tornando uma “campanha contra a subversão em todos os aspectos da vida americana”. Ver: PURDY, Sean. O Século Americano. In: KARNAL, Leandro (org.). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Editora Contexto, 2007. P. 230.

11 TOTA, Antonio P. *Os Americanos*. São Paulo: Contexto, 2009. P. 268. [E-book]

12 GOIDANICH, Hiron C.; KLEINERT, André. *Enciclopédia dos Quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 2011; SILVA, Nadilson M. *Fantásias e Cotidiano nas Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

13 MENDES, Gabriel N. *A Deeper Science: Richard Wright, Dr. Fredric Wertham, and the Fight for Mental Healthcare in Harlem, NY, 1940-1960*. Providence, 2010. Dissertação (Doctor of Philosophy) – Department of American Civilization, Brown University. P. 59.

14 WERTHAM, Fredric. *The seduction of the innocent: the influence of comic books on today's youth*. 1954. Disponível em <<https://archive.org/details/fredricwerthamseductionoftheinnocent19542ndprinting>>. Acesso: 13 abr. 2023.

15 COSTA, Rafael. *Estética, tradição e estilo nos quadrinhos: a kunstwollen da Grande Depressão e do American way of life*. Porto Alegre, 2016. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do rio Grande do Sul; SILVA, Nadilson M. *Fantásias e Cotidiano nas Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

mais espaço na opinião pública por abordar o assunto sob a égide de um discurso científico e a partir da autoridade médica sobre a qual partia a sua análise<sup>16</sup>.

Para o pesquisador especialista em estudos americanos Jean-Paul Gabilliet<sup>17</sup>, as críticas de Wertham não foram motivadas necessariamente por ideais conservadores, já que o psiquiatra se engajava politicamente a uma ideologia mais progressista e, durante a década de 1940, chegou até a atuar na área dos direitos civis e a criticar a censura da literatura modernista. Ou seja, apesar de manter um olhar muito atento aos quadrinhos, suas críticas, na verdade, eram direcionadas à indústria cultural de modo geral e coadunavam com os pressupostos de teóricos críticos da indústria cultural como Theodore Adorno e Max Horkheimer. Apoiado num discurso legitimado como científico e embasado em ideias psicológicas, o psiquiatra apontou a falta de maturidade dos quadrinhos, bem como a sexualidade e a violência expressas em suas páginas como uma das principais causas dos problemas da sociedade estadunidense.

Ainda que seus métodos sejam considerados questionáveis<sup>18</sup> e seus pressupostos fossem na contramão do que defendiam a maioria de seus colegas psiquiatras, Wertham trouxe a público um tema sensível aos valores estadunidenses de modo a “despertar a fé inabalável do público americano na inocência das crianças”<sup>19</sup>. Enaltecido pela classe média como uma espécie de protetor das crianças e adolescentes, sua causa foi abraçada por pais e autoridades religiosas e governamentais somando-se a uma histeria que impactou na produção

---

16 GABILLIET, Jean-Paul. *Of Comics and Men: a cultural history of American Comic Books*. University Press of Mississippi/Jackson. 2010. P. 262.

17 Idem. 2010. P. 263.

18 Uma das fraquezas de seu argumento, segundo Gabilliet, foi o fato de sua abordagem pressupor a indústria de massas como única causa para a delinquência juvenil e contar com “uma metodologia simplificada e compartimentalizada” na qual todas as crianças que liam quadrinhos, predispostas à instabilidade psíquica ou não, poderiam ceder à delinquência simplesmente porque as revistas apresentavam um modelo de conduta na qual elas podiam se identificar. Além disso, o psiquiatra misturou um conjunto de argumentos ao apresentar, ao mesmo tempo, “o potencial criminológico dos quadrinhos, os danos que eles causavam à leitura, bem como a regressão ou imaturidade social que eles traziam a todos que os consumiam”. Ver: GABILLIET, Jean-Paul. *Of Comics and Men: a cultural history of American Comic Books*. University Press of Mississippi/Jackson. 2010. P. 263.

19 GABILLIET, Jean-Paul. *Of Comics and Men: a cultural history of American Comic Books*. University Press of Mississippi/Jackson. 2010. P. 248.

e no conteúdo das HQs<sup>20</sup>.

Como consequência, houve uma grande queda nas vendas de quadrinhos e, por esta razão, suas editoras, por meio dos *Syndicates*<sup>21</sup> e da *Comics Magazine Association of America*, num ato de autocensura, estabeleceram um código de ética para restringir o espaço ‘pervertor’ ou ‘antissocial’ dos artistas<sup>22</sup>. O *Comics Authority Code*, como ficou conhecido, estabelecia um conjunto de regras sobre quais conteúdos poderiam ser publicados ou não e aqueles que eram permitidos recebiam um selo de aprovação que era estampado em sua capa, classificando-os como uma publicação moralmente adequada<sup>23</sup>.

Entre as diversas regras deste código, indicava-se que os crimes que fossem retratados não poderiam mais apresentar detalhes e métodos de sua execução; palavras como “crime” ou “horror” não poderiam mais fazer parte do título das revistas; e os personagens considerados representantes do bem deveriam sempre vencer e ser recompensados, enquanto os vilões deveriam ser derrotados e punidos<sup>24</sup>. O código indicava ainda que as histórias sobre o amor romântico deveriam exaltar o ambiente familiar em seus valores domésticos e matrimoniais<sup>25</sup>.

Em outros meios midiáticos, como o rádio e especialmente a TV, a instituição familiar estadunidense já era glorificada como um símbolo de felicidade e bem-estar. Algumas das séries de TV mais populares, como por exemplo *Papai sabe tudo* e *Eu amo Lucy* enchiam as casas das famílias estadunidenses com imagens de famílias harmoniosas formadas por uma mãe dona-de-casa e filhos que se

---

20 Idem, 2010. P. 248.

21 O órgão que regula a distribuição de material impresso nos Estados Unidos.

22 CARVALHO, Beatriz S. *O Processo de Legitimação Cultural das Histórias e Quadrinhos*. São Paulo, 2017. Dissertação (Mestrado em Teoria da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo; SILVA, Nadilson M. *Fantasia e Cotidiano nas Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

23 COSTA, Rafael. *Estética, tradição e estilo nos quadrinhos: a kunstwollen da Grande Depressão e do American way of life*. Porto Alegre, 2016. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. P. 182.

24 Idem, 2016. P. 182.

25 Idem, 2016.

enchiam de alegria quando o pai chega de seu emprego estável em sua bela casa com uma cerca branca<sup>26</sup>.

A partir do *Comics Code Authority*, os quadrinhos deveriam seguir a mesma lógica. E foi neste contexto que surgiu, em 1955, a revista em quadrinhos *Psychoanalysis* pela editora Entertaining Comics (EC). No início daquela década, a editora havia conquistado um grande território no mercado de quadrinhos a partir de histórias de crimes, terror e humor macabro<sup>27</sup>. Porém, em razão da censura imposta aos quadrinhos, o gênero de terror teve de ser extinto e a editora precisou se adaptar às novas regras. A solução encontrada por seus editores foi lançar um novo selo, cujas revistas mantinham uma linha narrativa mais amena e permitida pelo código<sup>28</sup>. Com o título *New Direction*, o selo trouxe revistas com histórias sobre pirataria, aviação, casos extraídos de manchetes de jornais, além de dois títulos voltados para temas médicos: *Impact* e *Psychoanalysis*<sup>29</sup>.

*Psychoanalysis* trazia histórias sobre os esforços de um psicanalista (cujo nome não é revelado) na resolução dos casos de três pacientes, processo que atravessa as quatro edições da revista, sendo cada número o equivalente a uma sessão de cada paciente. No enredo, a psicanálise é apresentada como uma ciência capaz de promover a solução ou cura de um garoto que roubou um relógio, uma mulher que sofria com fortes dores de cabeça e um homem que tinha desmaios.

Em muitos momentos, a revista assume um caráter didático ou informativo, apresentando ao leitor muitos dos temas e conceitos caros à teoria psicanalítica. Em cada edição há uma página com um texto abordando histórias ou noções populares sobre a psicanálise, como ideias sobre “livre associação”<sup>30</sup>, interpretação

---

26 PURDY, Sean. O Século Americano. In: KARNAL, Leandro (org.). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Editora Contexto, 2007. P. 230.

27 TEIXEIRA, Rafael. Os gibis americanos nos anos 40 e 50. *Cadernos de comunicação da série estudos: A Indústria em Quadrinhos*. Rio de Janeiro: Sec. Esp. De Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro. 2003. P. 25.

28 ALBERTO, José. Segredos da E.C.! A 'New Direction': o penúltimo canto do cisne da E.C. *Cripta do Terror*, Rio de Janeiro, Editora Record, n. 5, p. 88. 1991.

29 Idem, 1991. P. 88.

30 BERNSTEIN, Robert; KAMEN, Jack; SEVERIN, Marie. *Psychoanalysis*. EC Comics. #01. 1955. p. 19.

dos sonhos<sup>31</sup> e outras. Na edição #1, por exemplo, o texto *O homem de Viena* conta uma breve história de Sigmund Freud, fundador deste saber, que é descrito como “um homem sério e de rosto agradável” que teria inaugurado “a era da psiquiatria moderna”<sup>32</sup>. De acordo com o texto, Freud teria percebido que “as ações conscientes de todos os indivíduos eram influenciadas pela mente inconsciente. Segundo sua teoria, as reais motivações e desejos do indivíduo, e os segredos de seu padrão de comportamento estavam ocultos nos recessos do inconsciente”<sup>33</sup>.

Muitas vezes estas informações são apresentadas também no próprio enredo das histórias, em diálogos entre o psiquiatra e seus pacientes. Em um dos casos, por exemplo, quando um paciente refere-se ao divã indagando se aquele era o lugar onde as “grandes batalhas acontecem”, o psiquiatra explica a função do objeto no processo psicanalítico, respondendo: “Não, Sr. Stone. Como seu conflito, o campo de batalha também está dentro de você! Aquele sofá é apenas uma peça de mobília. Conte-me sobre você, Sr. Stone. Diga de pé ou sentado ou deitado... o que você preferir...”<sup>34</sup>.

Dessa forma, a revista acaba por transmitir ao leitor uma versão simplificada e remodelada de certos conceitos e ideias vindas da psicanálise, mas que, de algum modo, acabam por contribuir para uma maior circulação de tais noções na sociedade.

Durante a pesquisa, não foi identificada qualquer formação institucional em psicanálise ou qualquer área relacionada aos saberes *psi* entre os envolvidos na produção da revista. A narrativa de *Psychoanalysis*, neste sentido, dialoga com o que a crítica literária Beatriz Sarlo<sup>35</sup> chamou de “saber do pobre”, ou seja, a incorporação de noções acerca de um conhecimento especializado à meios populares. Partindo desta concepção - resgatada pelo sociólogo Mariano Ben Plotkin -, compreende-se que a revista *Psychoanalysis* “incorporou noções

---

31 Idem. #03. 1955. p. 18.

32 Idem. #03. 1955. p. 19.

33 Idem. #03. 1955. p. 19.

34 Idem. #01. 1955. p. 20.

35 SARLO, Beatriz. *La imaginación técnica: Sueños modernos de la cultura argentina*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1992.

populares associadas à psicanálise da mesma maneira que introduziu o conhecimento técnico popular: como forma alternativa de conhecimento, não sancionada pelo *establishment* cultural”<sup>36</sup>.

A escolha da psicanálise como tema principal da revista não foi por acaso já que trata-se de um saber que, durante o século XX, passou a ser apropriado pelas mais diversas esferas sociais despertando o fascínio e influenciando no cotidiano dos sujeitos em grande parte do Ocidente. É sobre isso que falo adiante.

### Uma cultura psicanalítica

Em entrevista concedida em 1988 ao editor Eric Levin, da revista estadunidense *People Magazine*, o historiador Peter Gay, um dos principais biógrafos de Sigmund Freud, afirmou: “as ideias de Freud permeiam nossa cultura a tal ponto que muitas vezes usamos a linguagem freudiana – narcisismo, rivalidade entre irmãos, ambivalência, neurose – mesmo sem perceber”<sup>37</sup>.

Este fenômeno nos leva a pensar na ideia de *cultura psicanalítica*, um conceito criado na década de 1970 pela socióloga Sherry Turkle<sup>38</sup> e, posteriormente, sistematizado pelo psicanalista Sérgio Figueira<sup>39</sup>. A cultura psicanalítica pode ser entendida como o fenômeno no qual os sujeitos de determinada sociedade aderem a pressupostos da psicanálise integrando-os a “quase todos os aspectos significativos da cultura” de modo a atingir um “ponto de quase-saturação”<sup>40</sup>. Isto faz com que ideias vinculadas a este saber passem a circular cada vez mais de maneira não-estruturada, se tornando uma visão de mundo capaz

---

36 BEN PLOTKIN, Mariano. Psicoanálisis y Habitus Nacional: Um Enfoque Comparativo de la Recepción del Psicoanálisis em Argentina y Brasil (1910-1950). *Memória Social*, Bogotá, v. 13, n. 27, p. 75. 2009.

37 LEVIN, Eric. Putting Freud on the Couch: Historian Peter Gay Finds a Genius Whose Stature Time Cannot Shrink. *People Weekly*. Nova York, 06 de junho de 1988, p. 101. Disponível em <<https://people.com/archive/putting-freud-on-the-couch-historian-peter-gay-finds-a-genius-whose-stature-time-cannot-shrink-vol-29-no-22/>>. Acesso em 10 de abril de 2023.

38 TURKLE, Sherry. *Psychoanalytic Politics: Freud’s French Revolution*. Nova York: Basic Books. 1978.

39 FIGUEIRA, Sérgio. A Influência da Obra de Freud na Vida Cotidiana. In: FIGUEIRA, Sérgio. *Nos Bastidores da Psicanálise: Sobre Política, História, Estrutura e Dinâmica do Campo Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. pp. 99-108.

40 Idem, 1991. P. 104.

de influenciar na produção do conhecimento acadêmico, no mundo artístico e até mesmo o funcionamento das instituições<sup>41</sup>.

Segundo historiadores dos saberes psi, foram várias as razões que levaram à esta popularização da psicanálise nos Estados Unidos na primeira metade do século XX. Razões que vão desde a grande demanda de especialistas para o tratamento de traumas durante a Primeira Guerra Mundial ao grande investimento governamental em movimentos de higiene mental que promoviam uma educação preventiva em relação às doenças mentais<sup>42</sup>.

Além disso, na década de 1930, com a ascensão do nazifascismo na Europa, muitos psicanalistas europeus, por serem judeus, acabaram migrando para os Estados Unidos, sendo, inclusive, apoiados por um Comitê de Emergência e por psicanalistas estadunidenses, tornando o país um grande polo de produção na área da psicanálise<sup>43</sup>. A partir da década de 1940, versões “populares” da psicanálise se passaram a se tornar cada vez mais frequentes no cinema<sup>44</sup>, tornando-se temas de filmes de cineastas de renome como Alfred Hitchcock, Fritz Lang e John Huston. Para o historiador Andrew Scull<sup>45</sup> grande parte da *cultura psicanalítica* que se formou nos Estados Unidos no século XX relaciona-se à apropriação de Freud por Hollywood. Para ele, o cinema foi um dos principais meios pelos quais o “evangelho de Freud” circulou, não apenas na sociedade estadunidense, mas em muitos outros

---

41 Idem, 1991. Pp. 104-105.

42 O movimento de Higiene Mental surgiu na primeira década do século XX com objetivo de reivindicar condições mais humanas nas instituições psiquiátricas. Contudo, o movimento passou a ganhar proporções cada vez maiores e sua influência foi além do espaço hospitalar, direcionando-se à uma educação preventiva para o público em geral. Sobre este movimento ver: CUSHMAN, Philip. *Constructing the Self, Constructing America: A Cultural History of Psychotherapy*. Cambridge: Perseus, 1995. P. 151; CASTRO, Rafael. *A sublimação do “id primitivo” em “ego civilizado”*: o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944). Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz.

43 PORTER, Roy. *Madness: A Brief History*. Oxford: Oxford University Press, 2002. P. 197.

44 KAPLAN, Elizabeth Ann. Freud, Cinema e Cultura. In: ROTH, Michael S. (org.). *Freud: Conflito e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. P. 142.

45 SCULL, Andrew. *Madness in Civilization: A cultural history of insanity, from the Bible to Freud, from the Madhouse to Modern Medicine*. Princeton: Princeton University Press, 2015. P. 281. [E-book].

países, graças ao amplo alcance da indústria cinematográfica hollywoodiana que se globalizava cada vez mais<sup>46</sup>.

Contudo, nos Estados Unidos, apenas aqueles que possuíam diploma médico tinham permissão para exercer a prática psicanalítica e isso contribuiu para que a psicanálise naquele país fosse cada vez mais medicalizada. Em meados do século XX, psicanálise e psiquiatria era compreendidas praticamente como sinônimos no dia-a-dia estadunidense<sup>47</sup>, algo que se refletiu também na maneira como os psicanalistas eram retratados nos meios midiáticos. Numa das primeiras páginas da revista *Psychoanalysis*, por exemplo, o protagonista é identificado apenas como “um psiquiatra” e não como psicanalista. Na narrativa, a psicanálise acaba se tornando um instrumento para que o personagem possa, de maneira heroica, buscar pistas e vestígios que o levem a decifrar os conflitos de seus pacientes:

Este é um psiquiatra! Em seu escritório pacífico, decorado com bom gosto e moderado, vêm os atormentados e os dirigidos, procurando desenrolar os novelos emocionais emaranhados que nublam e dão um nó em suas vidas quebradas. Habilmente guiados por ele através dos recifes de medos, culpas e ansiedades, seus pacientes acabam descobrindo para si mesmos o caminho para a autocompreensão, a paz e a verdadeira felicidade pessoal, que se assemelha a um rico tesouro esperando para ser desenterrado. E o mapa para este tesouro... A chave do seu cadeado... encontra-se através da... Psicanálise!<sup>48</sup>.

Nota-se ainda, na descrição acima, a maneira como o ofício do psiquiatra é narrado como uma grande aventura, comparada a uma história de piratas na qual o personagem é aquele que guia seus pacientes em busca de um “rico tesouro”. A abordagem da revista *Psychoanalysis* representa, de certa forma, um movimento no qual as antigas histórias de ação dão lugar a uma narrativa sobre um tema cotidiano, porém mantêm certa estrutura na qual um herói – o psiquiatra - deve

---

46 Idem, 2015. P. 281.

47 CHINALLI, Myriam. A Chegada da Peste: cem anos da viagem de Freud aos EUA (1909- 2009). *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 04, n. 07, p. 08, 2010.

48 BERNSTEIN, Robert; KAMEN, Jack; SEVERIN, Marie. *Psychoanalysis*. EC Comics. #01. 1955. p. 02.

salvar seus protegidos por meio de seu superpoder: a psicanálise. A descrição, neste sentido, contribui para certa idealização<sup>49</sup>, ou até mesmo uma mitificação da figura do psiquiatra como uma grande autoridade e da própria psicanálise como um saber capaz de salvar os pacientes dos mais diversos problemas. Num momento em que histórias de super-heróis eram limitadas pelo *Comics Authority Code*, a revista *Psychoanalysis* se dedica a construir um novo tipo de herói, um herói da mente. Em toda as histórias, o protagonista aparece como um homem de profundo conhecimento sobre muitos assuntos e sempre com uma postura ereta e semblante calmo. Em um dos momentos, quando repreende os pais de um paciente, o psiquiatra aparece na ilustração muito acima deles, como uma figura imponente, semelhante à forma como muitos super-heróis eram retratados em outras revistas. Essa forma de ilustração pode ser associada ao que Martine Joly<sup>50</sup> chamou de “jogar com o contexto”. De acordo com Joly, trata-se de uma técnica na qual o artista descontextualiza certos elementos na imagem com objetivo de despertar determinadas emoções no espectador. Neste sentido, “jogar com o contexto pode ser uma maneira de enganar a expectativa do espectador surpreendendo-o, chocando-o ou divertindo-o”<sup>51</sup>. A partir deste jogo, percebe-se uma intencionalidade dos artistas em apresentar o psiquiatra como uma figura grandiosa em toda sua autoridade e conhecimento (figura 1):



Figura 1: BERNSTEIN et al., 1955, #1: 06.

49 KAPLAN, Elizabeth Ann. Freud, Cinema e Cultura. In: ROTH, Michael S. (org.). *Freud: Conflito e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. Pp. 137-148.

50 JOLY, Martine. *Introdução a Análise da Imagem*. Lisboa: Edições 70, 2007. [E-book].

51 Idem, 2007. P. 71.

Além disso, ao comparar a ideia de “felicidade pessoal” a um “rico tesouro”, a narrativa constrói uma noção da psicanálise como um saber capaz de levar os indivíduos a alcançarem nada menos que a felicidade. Este olhar otimista é característico da psicanálise estadunidense que, desde o início do século XX, quando passou a ser apropriada por diversos sujeitos naquele país, passou a ser moldada de acordo com seus valores e sua cultura, ganhando formas que dialogavam com uma “mentalidade otimista, pragmática, liberacionista e orientada para os negócios”<sup>52</sup>. Conforme afirmam os psicanalistas Elizabeth Roudinesco e Michel Plon, o freudismo estadunidense foi perpassado “por uma religião da felicidade e da saúde, contrária (...) à concepção vienense do mal-estar da *Kultur*” defendida por Freud<sup>53</sup>.

Este otimismo em relação às capacidades do processo analítico é apresentado já na capa da revista, onde há a inscrição: “Pessoas procurando por paz de espírito através da Psicanálise” (figura 2):

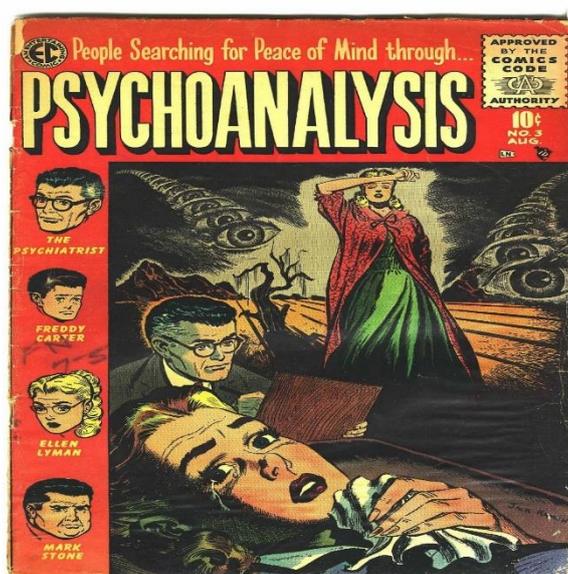


Figura 2: BERNSTEIN et al., 1955, #3: capa.

---

52 CUSHMAN, Philip. *Constructing the Self, Constructing America: A Cultural History of Psychotherapy*. Cambridge: Perseus, 1995. P 148.

53 ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. P. 170.

Contudo, é importante esclarecer a que psicanálise este artigo se refere, já que, desde seu surgimento na Europa, este saber esteve no centro de muitas controvérsias, o que, em muitos casos, nos leva a pensar não em “psicanálise”, no singular, mas em “psicanálises”. Com a ascensão do nazifascismo no velho mundo, muitos destes psicanalistas, por serem judeus, acabaram migrando para os Estados Unidos<sup>54</sup> e, muito mais que as esperanças de viver e trabalhar em paz, estes sujeitos levaram consigo também suas desavenças teóricas<sup>55</sup>. Neste sentido, como definir o que é a psicanálise estadunidense?

### **A psicologia do ego e a Guerra Fria**

Especialmente após a morte de Freud em 1939 e após a II Guerra Mundial, o cenário psicanalítico estadunidense passou a orientar-se hegemonicamente pela escola conhecida como *psicologia do ego*. Isso se deu principalmente após Heinz Hartmann (1894-1970), um de seus principais representantes, atuar como diretor de educação e, posteriormente, como presidente da sociedade de Nova York<sup>56</sup>, uma das principais associações psicanalíticas do país, direcionando a agenda teórica estadunidense à sua perspectiva pelas três décadas seguintes<sup>57</sup>.

A *psicologia do ego* demonstrava uma grande preocupação com a relação entre a subjetividade dos indivíduos e sua forma de lidar com a realidade social em que estavam inseridos, propondo assim a adaptação do sujeito aos valores de sua sociedade<sup>58</sup>. Para estes psicanalistas, os indivíduos teriam a capacidade de

---

54 Deixar aqui referências sobre o texto do After Freud Left, o do Dunker e minha tese para entender.

55 Algumas das principais divergências entre os vários grupos de psicanalistas e dissidentes que marcaram a história da psicanálise nos Estados Unidos serão exploradas mais adiante, ainda neste capítulo. Contudo, para uma abordagem mais completa acerca deste assunto, recomendo MAKARI (2005) e DUNKER (2006).

56 Apesar de se tratar de um país de grande extensão, em 42 de seus estados os médicos estrangeiros não podiam exercer a profissão até se tornarem cidadãos, o que limitou muito a área de atuação permitida aos imigrantes, fazendo com que muitos deles se estabelecessem em Nova York que era o principal porto de entrada daqueles que chegavam (MAKARI, 2005: 114).

57 MAKARI, George. Mitteleuropa on the Hudson: on the struggle for American psychoanalysis after the Anschluß. In: BURNHAM, John C. *After Freud left: a century of Psychoanalysis in America*. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 2005. p. 122.

58 DUNKER, Christian I.L. Aspectos Históricos da Psicanálise Pós-Freudiana. In: VILELA-JACÓ, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A.L.; PORTUGAL, Fracisco, T. *A História da Psicologia - Rumos e Percursos*. Rio de Janeiro: Nau, 2006, v.1, P. 402.

assumir o controle de suas emoções frente a quaisquer manifestações ou demandas do inconsciente – ao contrário do que Freud sugeria. Neste sentido, o *Eu* (ego) possuía autonomia suficiente para gerir as pulsões do *Isso* (id) em relação ao meio social<sup>59</sup> em que estes sujeitos estão inseridos<sup>60</sup>. Em outras palavras, a psicologia do ego passou a enaltecer e valorizar cada vez mais a capacidade dos sujeitos de recalcar e reprimir suas emoções e seus desejos mais intensos e de se adaptar às normas culturais e sociais<sup>61</sup>. Dessa maneira, esta vertente passou a manter uma atitude acrítica em relação ao mundo social, considerando-o uma realidade “dada”, na qual os sujeitos deveriam se conformar às normas culturais e expectativas sociais, adaptando-se a elas sem questioná-las<sup>62</sup>.

Não demorou, é claro, para que a psicologia do ego fosse absorvida pelo Estado de Guerra Fria, principalmente a partir de sua ênfase no caráter adaptativo do *Eu* que construiu a “convicção de que as experiências mais profundas da vida se encontravam na esfera privada”<sup>63</sup>. Conforme ressaltou o psicanalista Rafael Alves Lima<sup>64</sup>, por trás de seu suposto véu de neutralidade apolítica e de sua bandeira de ciência objetiva, a psicologia do ego contribuiu para o desenvolvimento de uma conformidade social e política que acabou se tornando muito conveniente

---

59 Na década de 1920, a partir da obra *O Ego e o Id*, Freud passou a desenvolver um modelo estrutural do aparelho psíquico com base em três instâncias: *Isso* (*id*), *Eu* (*ego*) e *SuperEu* (*superego*). O *Isso* se trata da instância primitiva do aparelho psíquico, que carrega toda energia vital (libido) do sujeito e busca, acima de tudo, satisfazer seus desejos, desconhecendo qualquer julgamento de valores ou barreira moral. O *Eu*, por sua vez, é a instância que estabelece o equilíbrio entre as exigências do *Isso* e as regras morais da realidade na qual o sujeito se insere. Nas palavras de Freud, “o Eu representa o que se pode chamar de razão e circunspeção, em oposição ao Id que contém as paixões” (FREUD, 1923/2016: 31). A terceira instância, o *SuperEu*, é aquela que age - de maneira severa e implacável - contra as exigências do *Isso* em nome da moralidade. Nesta dinâmica, cabe ao *Eu* a posição de intermediário entre a agressividade do *Isso* e as forças extremamente recalcadoras do *SuperEu*.

60 MAKARI, George. *Mitteleuropa on the Hudson: on the struggle for American psychoanalysis after the Anshluß*. In: BURNHAM, John C. *After Freud left: a century of Psychoanalysis in America*. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 2005. p. 122.

61 Idem, 2006. P. 402.

62 Idem, 2006. P. 402.

63 ZARETSKY, Eli. *Psychoanalysis, Authoritarianism, and the 1960s*. In: DAMOUSI, Joy; BEN PLOTKIN, Mariano (ed's.). *Psychoanalysis and Politics: Histories of Psychoanalysis under conditions of restricted political freedom*. Nova York: Oxford University Press, 2012. P. 33.

64 LIMA, Rafael A. *A psicanálise na Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985): história, clínica e política*. São Paulo, 2021. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. P. 234.

àqueles que estavam no poder. Como observou Cushman, “a banalidade da vida corporativa e a opressão tida como certa das pessoas por causa de sua raça, gênero ou classe eram consideradas separadas dos interesses e alcance intelectual da psicanálise. Nisso reside tanto a popularidade da psicologia do ego quanto sua fraqueza”<sup>65</sup>.

Especialmente durante a década de 1950, a presença de psicanalistas tornou-se constante em meios como o rádio, a TV ou revistas de grande circulação, onde apareciam como autoridades científicas capazes de aconselhar indivíduos em situações particulares e de comentar fenômenos sociais e políticos<sup>66</sup>. Em dissertação de mestrado defendida na Universidade de Montana, nos Estados Unidos, o pesquisador Daniel Kamienski demonstra o papel dos psicanalistas na construção do modelo familiar estadunidense desejável em meados do século XX por meio da mídia de massa. No trabalho, ele demonstra como jornais populares, como *Washington Post* e *New York Times Magazine*<sup>67</sup> traziam conselhos destes profissionais sobre problemas conjugais que, em suas páginas, eram tratados não como resultado de relacionamentos incompatíveis, mas de “falhas básicas na personalidade individual” derivados da capacidade do indivíduo de “atualizar a instituição do casamento”<sup>68</sup>.

Em meio a seus vários conselhos sobre a dinâmica familiar, estes psicanalistas ajudaram a fortalecer alguns papéis de gênero a serem cumpridos por cada membro da família que deveria ser chefiada por um homem e, logo em

---

65 CUSHMAN, Philip. *Constructing the Self, Constructing America: A Cultural History of Psychotherapy*. Cambridge: Perseus, 1995. P 187.

66 KAMIENSKI, Daniel P. *Prescribing the American Dream: Psychoanalysts, Mass Media and the Construction of Social and Political Norms in the 1950's*. Missoula, 2016. Tese (Master Thesis in Arts in History). University of Montana.

67 As referências apresentadas foram: Bill Brinkley, “Psychiatrists Place Blame on Personal Shortcomings: Human Faults Get Blame for Divorce,” *Washington Post*, Aug. 5, 1949, 1; Emanuel K. Schwartz, “Life Without Father,” *NYT Magazine*, September 4, 1960, 22.

68 KAMIENSKI, Daniel P. *Prescribing the American Dream: Psychoanalysts, Mass Media and the Construction of Social and Political Norms in the 1950's*. Missoula, 2016. Tese (Master Thesis in Arts in History). University of Montana. P. 19.

seguida, por uma mulher a quem caberia a manutenção da vida conjugal<sup>69</sup>. Logo, cabia à mãe a responsabilidade pela manutenção do casamento, tornando a família “um repositório de gênero de profundidade emocional e intimidade”, já que um lar fora dos padrões poderia impactar negativamente no caráter dos filhos<sup>70</sup>.

Muitos destes debates refletiram na revista *Psychoanalysis* especialmente ao encontro de uma questão muito cara aos interesses estadunidenses daquele período: a família nuclear estadunidense.

### **A família no divã**

Falamos aqui de um dos períodos mais inflamados da Guerra Fria e, naquele contexto, todo um conjunto de valores familiares foi apoiado no país como uma forma enaltecer o estilo de vida estadunidense e reforçar ideais de consumo da sociedade capitalista.

Para compreender esta questão, é importante lembrar que desde as décadas de 1940, o crescimento demográfico proporcionado pelo *baby boom* do pós-Segunda Guerra Mundial gerou uma demanda cada vez maior por estabilidade, moradia e conforto<sup>71</sup>. Desta necessidade, milhões de casas foram construídas longe dos centros movimentados e assim se popularizaram os subúrbios, que “buscavam reproduzir a vida pacata do campo, mas com todo o conforto urbano”<sup>72</sup>.

Inflados pelo orgulho e otimismo proveniente das altas taxas de empregabilidade e pelo bom momento econômico<sup>73</sup>, o perfil médio dos moradores dos subúrbios era formado por sujeitos que evitavam discutir política ou falar sobre a situação mundial, se orgulhavam de ser “gente simples” e “representavam a

---

69 ZARETSKY, Eli. *Psychoanalysis, Authoritarianism, and the 1960s*. In: DAMOUSI, Joy; BEN PLOTKIN, Mariano (ed's.). *Psychoanalysis and Politics: Histories of Psychoanalysis under conditions of restricted political freedom*. Nova York: Oxford University Press, 2012. Pp. 233-259.

70 Idem, 2012. P. 239.

71 TOTA, Antonio P. *Os Americanos*. São Paulo: Contexto, 2009. P. 277. [E-book]

72 Idem, 2009. P. 279.

73 Na década de 1950, o PIB dos Estados Unidos cresceu 2,4 vezes e na década de 1960, o país foi o primeiro a atingir uma economia de um trilhão de dólares em preços correntes (TOTA, 2009: 265).

uniformidade da sociedade conformista”<sup>74</sup>. Era exatamente este o perfil das classes médias que elegeram os republicanos Dwight Eisenhower e Richard Nixon que, entre 1953 e 1961, ocuparam, respectivamente, as cadeiras de presidente e vice-presidente nos Estados Unidos. Líderes que representavam principalmente o chamado americano comum (*average american*), ou seja, o cidadão de bem, “temente a Deus, defensor da tradição, avesso a grandes novidades urbanas”<sup>75</sup>.

Naquele momento, muitas tecnologias desenvolvidas no âmbito militar foram aproveitadas e adaptadas ao uso doméstico de modo que, à medida que jatos militares se tornavam capazes de cruzar a barreira do som, carros modernos e velozes chegavam às lojas, impulsionando não apenas a indústria automobilística, mas também a construção de estradas que ligavam o país de ponta a ponta. Despertando os ideais de consumo das famílias de classe média, buscava-se cada vez mais comprar casas com um belo carro na garagem, máquinas de lavar de última geração, torradeiras, televisores e tudo que fizesse a vida parecer mais simples e moderna<sup>76</sup>.

Nesta conjuntura, o governo de Eisenhower viu no ideal da “família unida” e estável uma importante linha de defesa ideológica nas políticas contra o comunismo, então chamado “perigo vermelho”<sup>77</sup>. Nota-se, desta forma, um entrelaçamento da esfera privada com a esfera pública, na qual o comportamento e as relações pessoais tornam-se parte de uma estratégia global que visa, entre tantos objetivos, impedir o avanço comunista<sup>78</sup>.

Estas questões, é claro, impactaram na revista *Psychoanalysis* que teve os conflitos familiares como um de seus principais temas, de modo a construir uma noção de que a principal fonte de bem estar dos sujeitos estaria na manutenção do lar. Em um dos casos apresentados, por exemplo, conhecemos o garoto Freddy

---

74 TOTA, Antonio P. *Os Americanos*. São Paulo: Contexto, 2009. P. 279. [E-book]

75 Idem, 2009. P. 277.

76 Idem, 2009. Pp. 277-278.

77 HALLIWELL, Martin. *Therapeutic Revolutions: Medicine, Psychiatry and American Culture (1945-1970)*. Rutgers University Press, 2013. P. 140.

78 NADEL, Alan. *Containment Culture: American narratives, postmodernism, and the atomic age*. Duke University Press, 1995. P. XI.

Carter, um menino que envergonhara sua família “bem sucedida” e “admirada por todos” (p. 03) por seu comportamento desviante que o levava a roubar um relógio. Em certo momento, os pais do garoto iniciam uma longa troca de acusações sobre o responsável por sua má educação. Após a discussão, o psiquiatra se dirige a eles afirmando que o problema dos filhos é sempre responsabilidade da neurose dos pais e da falta de harmonia na maneira em que criam o garoto: “Vocês também são candidatos adequados para esse divã! Vocês são dois neuróticos, insistindo teimosamente em impor seu modo de vida, seus ideais a uma criança indefesa. Ele está dividido em duas direções... Sem saber a quem agradar... e, portanto, não agrada a ninguém!”<sup>79</sup>. Quando os pais saem do consultório, o psiquiatra diz a si próprio – e conseqüentemente ao leitor: “Aí está 90% do problema... Um casamento ruim... Brigas incessantes pela criação do filho... O pai mostra um caminho... a mãe, o outro. Não é de admirar que o garoto esteja em estado de rebelião contra os dois!”<sup>80</sup>.

Esta não era uma noção incomum naquele período já que em muitas das colunas escritas por psicanalistas em jornais e revistas do período, um lar infeliz e sem harmonia poderia ter um impacto prejudicial à saúde mental dos filhos que estariam mais propensos à delinquência ou a desenvolver tendências homicidas<sup>81</sup>. Na revista, o personagem principal chega a afirmar que “Não existe criança delinquente... Apenas pais delinquentes!”<sup>82</sup>.

O tema da delinquência juvenil encontrava-se em evidência em meados do século, especialmente após o grande aumento estatístico nos casos de violência

---

79 BERNSTEIN, Robert; KAMEN, Jack; SEVERIN, Marie. *Psychoanalysis*. EC Comics. #01. 1955. p. 03.

80 Idem. #01. 1955. p. 04.

81 Conforme afirma o artigo do *The New York Times* analisado por Kamienski (2016). O artigo publicado em 1959, foi assinado por Emma Harrison e traz o conselho de uma psicanalista sobre a criação de filhos por mães solteiras. Intitula-se “Pais são vistos como perigo ao filho: Psiquiatra diz que libertação da mãe os torna alvo de sua raiva”. Do original: Emma Harrison, “*Parents are seen in peril from son: Psychiatrist says liberation of mother makes them target of his anger*”. In: *NYT*, Feb. 22, 1959, 77. O artigo também pode ser lido – mediante assinatura – no site do *The New York Times*, disponível em: <<https://www.nytimes.com/1959/02/22/archives/parents-are-seen-in-peril-from-son-psychiatrist-says-liberation-of.html>>. Acesso em 13 abr 2023.

82 Idem. #01. 1955. p. 04.

entre os jovens percebido nas décadas de 1940 e 1950<sup>83</sup>, tornando este fato social uma das principais preocupações das famílias estadunidenses do período, juntamente com as possibilidades de uma guerra nuclear<sup>84</sup>.

Ao falar sobre a figura do “delinquente juvenil”, a escritora Barbara Ehrenreich<sup>85</sup> define este estereótipo, em termos sociológicos, como um sujeito vindo de uma classe média, mas que não conseguira se ajustar às normas e padrões de sua classe, tornando-se assim um desviado, “classificável dentro da mesma categoria que os doentes mentais e os voluntariamente desempregados”. Neste sentido, por se tratar da violência praticada por um sujeito ainda jovem, “a ameaça potencial dessas classes mais baixas assumiu, na perspectiva da classe média, a estatura de uma criança. A noção de que as classes baixas eram infantis comparadas às melhores é, certamente, antiga e reconfortante”<sup>86</sup>.

Tomando como ponto de partida as definições de Ehrenreich sobre o assunto, Rafael Alves Lima entende esta “dobra moral do nivelamento entre pobreza e infância como questão de caráter” como uma forma de “enobrecer características de um certo *habitus*<sup>87</sup> de classe das camadas superiores, como a prudência financeira, a autodisciplina das condutas e a prontidão no zelo dos valores culturais tradicionais”<sup>88</sup>. Sendo o delinquente alguém que rejeita este *habitus*, a inquietação das classes médias com o crescente fenômeno da

---

83 Segundo James Gilbert (1986: 25-27), o fenômeno foi explicado por diversos fatores. Um deles seria o recrutamento de pais para a guerra e o deslocamento de muitas famílias estadunidenses, bem como a instabilidade social geral resultante da entrada do país no conflito.

84 GILBERT, James. *A Cycle of Outrage: America's reaction to the juvenile delinquent in the 1950's*. Nova York: Oxford University Press, 1986.

85 EHRENREICH, Barbara. *O Medo da Queda: ascensão e crise da classe média*. São Paulo: Scritta. 1994. P. 09.

86 Idem, 1994. P. 09.

87 O conceito de *habitus* aqui entendido no sentido atribuído pelo sociólogo Pierre Bourdieu que o definiu como “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma *matriz de percepções, de apreciações e de ações*” (BOURDIEU, 1983: 65).

88 LIMA, Rafael A. *A psicanálise na Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985): história, clínica e política*. São Paulo, 2021. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. P. 308.

delinquência juvenil reflete certo receio de uma queda de volta na marginalidade social e na pobreza<sup>89</sup>.

A revista *Psychoanalysis*, neste ponto demonstra como este receio das classes médias perante a delinquência juvenil, bem como o medo da desintegração das famílias e a paranóia anticomunista tiveram consequências também na produção e no conteúdo dos quadrinhos dos Estados Unidos.

Em relação à maneira como ideais familiares foram retratados na revista e relacionados à uma questão de saúde mental, chamo a atenção para o caso da personagem Ellen Lyman. Este é o mais curto entre os três narrados em *Psychoanalysis* e o único a ser encerrado na terceira e penúltima edição da revista.

Em sua primeira sessão, descrita na edição #1 da revista, conhecemos um pouco sobre a personagem que é descrita como uma jovem tensa e preocupada de 19 anos que tem grandes dificuldades de fazer amigos, se relacionar e viver em sociedade<sup>90</sup>. Na consulta, mesmo relutante em aceitar a ajuda do psiquiatra, a paciente se queixa de sofrer de enxaqueca, sentir tonturas, além de estar sempre cansada e não conseguir dormir bem. Como resposta, o psiquiatra prontamente lhe explica a origem e a solução para os males da paciente:

Senhorita Lyman, muitos males são o que chamamos de “psicossomáticos”. São manifestações de um estado de espírito! Eles são causados por males emocionais! Suas dores de cabeça são dessa natureza! Assim que resolvermos esses distúrbios emocionais, suas dores de cabeça... Suas tonturas desaparecerão!<sup>91</sup>

Pouco adiante, naquela mesma edição, após a interpretação de um sonho da garota, descobrimos que grande parte das angústias de suas angústias se originavam na rivalidade que Ellen Lyman nutria em relação a irmã que, conforme ela acreditava, era a filha favorita de seus pais. Ao lembrar de sua infância, a personagem afirma que, enquanto seus pais brigavam entre si e a deixavam de lado, ela sentia inveja de seus vizinhos que pareciam sempre bem e felizes em uma

---

89 Idem, 2021. P. 308.

90 Idem. #01. 1955. p. 10.

91 Idem. #01. 1955. p. 11.

família que trabalhava e se divertia junta em seu jardim<sup>92</sup>. Na segunda sessão, narrada na edição #2, o psiquiatra ajuda a personagem a perceber que seus problemas vêm de uma neurose resultante do sentimento de culpa e rejeição desenvolvido na infância após a separação de seus pais. Conforme ele afirma para paciente: “é difícil para uma criança admitir para si mesma que seus pais não estão mais apaixonados. Ela se culpa... Culpa os outros. Culpa qualquer coisa ao invés m vez de colocar a culpa onde ela pertence!”<sup>93</sup>. Já em sua terceira e última sessão, narrada na edição #3, após a interpretação de um novo sonho, a personagem fala sobre tendência de evitar outras pessoas, o que a impede de namorar ou fazer amigos. Como resposta, o psiquiatra esclarece: “Você tem medo do amor! Medo de se machucar! Então, para se proteger, você dá o primeiro golpe... O golpe que você espera dos outros! Você corta os laços emocionais antes de eles ficarem fortes. Porque você tem medo de fortes laços emocionais!”<sup>94</sup>.

Dessa maneira, ao fim de três sessões narradas na revista, percebemos que os conflitos pessoais da personagem Ellen Lyman são resultados da falta de união e harmonia em seu lar que, como ela acreditava até então, era resultado da depressão econômica. Em certo momento da história, o sábio psiquiatra chega a lhe dizer: “Isso não era motivo para brigar o tempo todo! Um marido e uma esposa verdadeiramente apaixonados e verdadeiramente dedicados um ao outro podem se ajustar a quase qualquer crise com um mínimo de desconforto!”<sup>95</sup>. É no divã, portanto, que a personagem compreende a origem de grande parte de seus problemas: a falta de amor em sua família. Vale notar também, a postura acrítica e conformista transmitida pelo psiquiatra ao afirmar que o amor e um lar em harmonia são capazes de fazer até mesmo com que os sujeitos se ajustem a uma crise econômica. Este e vários outros conselhos ajudaram Ellen Lyman a refletir sobre vários momentos de sua vida e, por fim, a personagem chega a uma conclusão:

---

92 Idem. #01. 1955.

93 Idem. #02. 1955. p. 17.

94 Idem. #03. 1955. p. 14.

95 Idem. #03. 1955. p. 17.

“Agora eu sei que preciso de amor”, diz ela, “que eu sempre precisei disso”<sup>96</sup>. Se sentindo muito mais preparada e disposta a viver em sociedade, a personagem decide aceitar o convite para sair com Paul, um rapaz que lhe convidara para um encontro na noite anterior. Diante disso, o Psiquiatra lhe dá o conselho final para que a personagem alcance seu final feliz: “Uma pessoa não é suficiente para si própria! Ninguém pode existir de forma feliz e plena sem amor... Sem dar e receber isso! Você sabe agora que precisa dos outros... Que precisa de Paul!”<sup>97</sup>.

Após a personagem decidir se abrir para o amor em sua vida, o tratamento psicanalítico é encerrado, como se percebe na pequena inscrição ao fim do último quadrinho, “Terapy completed” ou “Terapia completada” em tradução livre (figura 3). É importante notar ainda como a narrativa usa a expressão “cura”, como se a paciente tivesse alcançado sua cura a partir do momento em que decidiu se abrir ao amor romântico e ter uma vida mais adequada à sociedade a seu redor. Como consequência de todo um olhar medicalizado sobre a psicanálise, a história de Ellen Lyman constrói uma interpretação na qual a não adaptação às normas sociais – como sucesso, amor romântico e valores familiares – é uma doença e o processo psicanalítico é aquele capaz de trazer a cura e, conseqüentemente, a felicidade, como se nota no diálogo:

Psiquiatra: Como você se sentiria sobre terminar seu tratamento, Ellen?

Ellen: Quer dizer... Estou... Estou curada?

Psiquiatra: Nós fomos o mais longe que pudemos! Você sabe a cura do seu problema! Você conhece os fatos sobre si mesmo! Você acha que pode ir em frente agora... Sem minha ajuda!

Ellen: Ah, sim, doutor. A Ellen Lyman que entrou em seu escritório há muito tempo não existe mais! A lousa foi limpa. E não tenho medo de escrever uma nova história de vida sobre ela! Uma história feliz! Adeus, doutor!

Psiquiatra: Adeus, ellen. E boa sorte! (Tradução livre do texto da figura 3).

---

96 Idem. #03. 1955. p. 17.

97 Idem. #03, 1955. p. 17.



Figura 3: BERNSTEIN et al., 1955, #3: 17.

É possível notar na história de Lyman uma fórmula muito explorada pelo cinema daquele período que consiste numa narrativa em que os personagens devem lidar com o “recalcamento de um trauma infantil que impede uma mulher de ter uma relação conjugal normal” e que todos os conflitos são resolvidos após ela aceitar o amor em sua vida<sup>98</sup>. De certa forma, grande parte do enredo de *Psychoanalysis* acaba repetindo alguns destes padrões hollywoodianos que, segundo Kaplan<sup>99</sup> despertaram o interesse do público pelo fato de explorarem sonhos “coletivos e específicos da cultura”, como encontrar o verdadeiro amor, conquistar sucesso financeiro, ascensão social e harmonia familiar. Kaplan observou ainda que grande parte do cinema popular se apoiou em narrativas cujo núcleo central era o “romance familiar”<sup>100</sup> (ou o melodrama, como ela chama), um tema que chamava a atenção das massas e que permitiu que a psicanálise servisse tão bem a Hollywood, já que muitas das questões psíquicas analisadas e teorizadas

98 KAPLAN, Elizabeth Ann. Freud, Cinema e Cultura. In: ROTH, Michael S. (org.). *Freud: Conflito e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. P. 139.

99 Idem, 2000. P. 143.

100 De acordo com o Dicionário de Psicanálise de Elizabeth Roudinesco e Michel Plon, o Romance Familiar é uma expressão criada por Freud e Otto Rank “para designar a maneira como um sujeito modifica seus laços genealógicos, inventando para si, através de um relato ou uma fantasia, uma outra família que não a sua”. Ver: ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. P. 668.

por Freud eram da ordem familiar<sup>101</sup>. Percebemos aqui que o caso dos quadrinhos não se distancia desta regra.

### **Considerações finais**

Ainda que a revista não tenha feito tanto sucesso quanto as antigas histórias de terror publicadas por aquela editora e tenha sido cancelada após a quarta edição, o fato de a psicanálise constituir o tema principal de uma das revistas colocando-a nos limites do que era aceito pela sociedade estadunidense diz muito sobre o valor social atribuído a este saber. O tema não só foi pensado como um assunto “digno” de circular entre as famílias estadunidenses, como também foi considerado pelos editores como uma das possibilidades de salvação da editora.

Além disso, com base no exposto acima, podemos perceber a maneira como um saber pode ser ressignificado e remodelado de acordo com o meio cultural em que circula. No caso da revista *Psychoanalysis*, pode-se dizer que o periódico apresentou uma psicanálise moldada por três fatores específicos: o objeto cultural pela qual circulou (uma revista em quadrinhos), o espaço geográfico (Estados Unidos da América) e o momento histórico (década de 1950, período de *macartismo* e valorização do *American way of Life*). Isso porque segundo o código dos quadrinhos que vigorava naquele momento, temas sobre divórcio deveriam ser tratados sempre como algo indesejável e o amor romântico deveria ser abordado de modo a glorificar valores domésticos ou o casamento<sup>102</sup>. A HQ apresenta a personagem Ellen Lyman como uma garota que teve a vida afetada pela separação de seus pais. De certa forma, a narrativa se utiliza de conceitos e teorias da psicanálise com vistas a demonstrar os efeitos neuróticos que um divórcio ou a desunião familiar pode causar no sujeito. Além disso, após compreender a origem de seus problemas no processo analítico, a personagem decide se permitir ser feliz

---

101 KAPLAN, Elizabeth Ann. Freud, Cinema e Cultura. In: ROTH, Michael S. (org.). *Freud: Conflito e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. P. 142.

102 COSTA, Rafael. *Estética, tradição e estilo nos quadrinhos: a kunstwollen da Grande Depressão e do American way of life*. Porto Alegre, 2016. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. P. 182.

e o primeiro passo para isso, segundo a narrativa, seria aceitar o amor. Logo, percebe-se que os contornos da psicanálise apresentada pela HQ foram estabelecidos de modo a seguir a ética imposta pelo código dos quadrinhos. Uma ética construída com base em “critérios morais conservadores que as impediavam de tratar de temas que questionassem o *status quo* social ou que vinculassem qualquer tipo de vício à ordem social vigente e às instituições estabelecidas”<sup>103</sup>.

O artigo nos ajuda a pensar também a apropriação da psicanálise para além das instituições oficiais de construção deste saber. Uma história da psicanálise que vai além da figura do psicanalista, mas também ressalta o papel de sujeitos relacionados às mais diversas esferas sociais e culturais, como aqueles ligados às artes, à política, à comunicação social e outras.

### Referências bibliográficas

ALBERTO, José. Segredos da E.C.! A ‘New Direction’: o penúltimo canto do cisne da E.C. **Cripta do Terror**, Rio de Janeiro, Editora Record, n. 5, p. 88. 1991.

BEN PLOTKIN, Mariano. **Psicoanálisis y Habitus Nacional: Um Enfoque Comparativo de la Recepción del Psicoanálisis em Argentina y Brasil (1910-1950)**. *Memória Social*, Bogotá, v. 13, n. 27, p. 62. 2009.

BEN PLOTKIN, Mariano. **Psicoanálisis y Habitus Nacional: Um Enfoque Comparativo de la Recepción del Psicoanálisis em Argentina y Brasil (1910-1950)**. *Memória Social*, Bogotá, v. 13, n. 27, p. 75. 2009.

BERNSTEIN, Robert; KAMEN, Jack; SEVERIN, Marie. **Psychoanalysis**. EC Comics. #01. 1955.

CARVALHO, Beatriz S. **O Processo de Legitimação Cultural das Histórias e Quadrinhos**. Dissertação (Mestrado em Teoria da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. 2017.

CHARTIER, Roger. Por uma Sociologia Histórica das Práticas Culturais. In: CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Portugal: Difusão Editorial, 2002.

---

103 Idem, 2016. P. 182.

CHINALLI, Myriam. A Chegada da Peste: cem anos da viagem de Freud aos EUA (1909- 2009). *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 04, n. 07, p. 08, 2010.

COSTA, Rafael. **Estética, tradição e estilo nos quadrinhos**: a kunstwollen da Grande Depressão e do American way of life. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016.

CUSHMAN, Philip. **Constructing the Self, Constructing America**: A Cultural History of Psychotherapy. Cambridge: Perseus, 1995

DUNKER, Christian I.L. **Aspectos Históricos da Psicanálise Pós-Freudiana**. In: VILELA-JACÓ, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A.L.; PORTUGAL, Francisco, T. *A História da Psicologia - Rumos e Percursos*. Rio de Janeiro: Nau, 2006.

EHRENREICH, Barbara. **O Medo da Queda**: ascensão e crise da classe média. São Paulo: Scritta. 1994.

FIGUEIRA, Sérvulo. **A Influência da Obra de Freud na Vida Cotidiana**. In: FIGUEIRA, Sérvulo. *Nos Bastidores da Psicanálise: Sobre Política, História, Estrutura e Dinâmica do Campo Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

GABILLIET, Jean-Paul. **Of Comics and Men**: a cultural history of American Comic Books. University Press of Mississippi/Jackson. 2010.

GILBERT, James. **A Cycle of Outrage**: *America's reaction to the juvenile delinquent in the 1950's*. Nova York: Oxford University Press, 1986.

GOIDANICH, Hiron C.; KLEINERT, André. **Enciclopédia dos Quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

HALLIWELL, Martin. **Therapeutic Revolutions**: Medicine, Psychiatry and American Culture (1945-1970). Rutgers University Press, 2013.

HERZOG, Dagmar. **Cold War Freud**: *Psychoanalysis in an Age of Catastrophes*. Cambridge: Cambridge University Press. 2016.

JOLY, Martine. **Introdução a Análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007. [E-book].

KAMIENSKI, Daniel P. **Prescribing the American Dream**: Psychoanalysts, Mass Media and the Construction of Social and Political Norms in the 1950's. Missoula. Tese (Master Thesis in Arts in History). University of Montana. 2016.

KAPLAN, Elizabeth Ann. Freud, Cinema e Cultura. In: ROTH, Michael S. (org.).

**Freud: Conflito e Cultura.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

LEVIN, Eric. **Putting Freud on the Couch:** Historian Peter Gay Finds a Genius Whose Stature Time Cannot Shrink. *People Weekly*. Nova York, 06 de junho de 1988. Disponível em <<https://people.com/archive/putting-freud-on-the-couch-historian-peter-gay-finds-a-genius-whose-stature-time-cannot-shrink-vol-29-no-22/>>. Acesso em 10 de abril de 2023.

LIMA, Rafael A. **A psicanálise na Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985):** história, clínica e política. São Paulo: Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2021.

MAKARI, George. Mitteleuropa on the Hudson: on the struggle for American psychoanalysis after the Anschluß. In: BURNHAM, John C. **After Freud left:** a century of Psychoanalysis in America. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 2005. p. 122.

MENDES, Gabriel N. **A Deeper Science:** Richard Wright, Dr. Fredric Wertham, and the Fight for Mental Healthcare in Harlem, NY, 1940-1960. Providence: Dissertação (Doctor of Philosophy) – Department of American Civilization, Brown University. 2010.

NADEL, Alan. **Containment Culture:** American narratives, postmodernism, and the atomic age. Duke University Press, 1995.

PORTER, Roy. **Madness:** A Brief History. Oxford: Oxford University Press, 2002.

PURDY, Sean. O Século Americano. In: KARNAL, Leandro (org.). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI.** São Paulo: Editora Contexto, 2007.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SARLO, Beatriz. **La imaginación técnica:** Sueños modernos de la cultura argentina. Buenos Aires: Nueva Visión, 1992.

SCULL, Andrew. **Madness in Civilization:** A cultural history of insanity, from the Bible to Freud, from the Madhouse to Modern Medicine. Princeton: Princeton University Press, 2015. [E-book].

SILVA, Nadilson M. *Fantasia e Cotidiano nas Histórias em Quadrinhos.* São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TEIXEIRA, Rafael. Os gibis americanos nos anos 40 e 50. **Cadernos de comunicação da série estudos**: A Indústria em Quadrinhos. Rio de Janeiro: Sec. Esp. De Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro. 2003. P. 25.

TOTA, Antonio P. **Os Americanos**. São Paulo: Contexto, 2009. [E-book]

TURKLE, Sherry. **Psychoanalytic Politics**: Freud's French Revolution. Nova York: Basic Books. 1978.

WERTHAM, Fredric. **The seduction of the innocent: the influence of comic books on today's youth**. 1954. Disponível em <<https://archive.org/details/fredricwerthamseductionoftheinnocent19542ndprinting>>. Acesso: 13 abr. 2023.

ZARETSKY, Eli. Psychoanalysis, Authoritarianism, and the 1960s. In: DAMOUSI, Joy; BEN PLOTKIN, Mariano (ed's.). **Psychoanalysis and Politics**: Histories of Psychoanalysis under conditions of restricted political freedom. Nova York: Oxford University Press, 2012.

ZARETSKY, Eli. Psychoanalysis, Authoritarianism, and the 1960s. In: DAMOUSI, Joy; BEN PLOTKIN, Mariano (ed's.). **Psychoanalysis and Politics**: Histories of Psychoanalysis under conditions of restricted political freedom. Nova York: Oxford University Press, 2012.

**Recebido em 17 de maio de 2023**  
**Aprovado em 27 de julho de 2023**